

Alguém cuida de nós: o pai e a criação de esperanças

Someone looks after us: the father and the creation of hopes

José Henrique Lobato Vianna*

Resumo: Do infanticídio tolerado, onde crianças podiam ser mortas por seus pais aos cuidados em relação ao infante que entendemos hoje, muita coisa mudou no trato com esses atores sociais. Pensar sobre o desenvolvimento psicológico, emocional, no ser humano em continuidade é o intento deste artigo, sobretudo no que tange a paternidade e suas complexidades. Para tal empreendimento, farei uso do objeto literário a partir da perspectiva teórica do desenvolvimento emocional humano do pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott. Como sobrevivemos enquanto espécie homo a partir de tantas vivências em tempos históricos tão longínquos? Como nos tornamos humanos cuidadores? O que é ser pai? Como pensar sobre o pai enquanto sujeito histórico e afetado pelas ações da provisoriedade constituinte da vida humana?

Palavras-chave: Bebê. Cuidado. Desenvolvimento Emocional. Pai. Winnicott.

Abstract: *From tolerated infanticide, where children could be killed by their parents, to the care of children as we understand today, a lot has changed in dealing with these social actors. Thinking about psychological and emotional development in the human being in continuity is the aim of this article, especially with regard to paternity and its complexities. To do this, I will use the literary object from the theoretical perspective of human emotional development by the English paediatrician and psychoanalyst Donald Woods Winnicott. How did we survive as a homo species from so many experiences in such distant historical times? How did we become human carers? What does it mean to be a father? How do we think about the father as a historical subject affected by the actions of the provisionality that makes up human life?*

Keywords: *Baby. Care. Emotional Development. Father. Winnicott.*

* Psicólogo clínico. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Santa Úrsula.

“Hoje é do que mais tenho saudade. Desse sentimento, que na sua plenitude talvez se reserve às crianças, de acreditar que alguém cuida de nós segundo o nosso mérito.

Quando se perde essa convicção, fica-se irremediavelmente sozinho.

Os pais e os filhos são o único modo de interferir positivamente nessa solidão.

(...) Sei bem que sou filho de mil homens e mais mil mulheres. Queria muito ser pai de mil homens e mais mil mulheres.”

(Valter Hugo Mãe)

Ao ser convidado pelo Grupo de Pesquisa do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro intitulado *Os primórdios da vida psíquica – Clínica dos primeiros anos*, que debate há dezenove anos sobre a temática do nascimento de um novo humano, me vi refletindo sobre muitos aspectos do lugar que eu ocupo, escuto, falo e vivo experiências, qual o papel do pai nos tempos atuais? Como seria gestar um pai e do que isso se trataria? Como escuto outros pais na clínica? O que trazem desta função?

Ao longo de 2024 surgiram quatro propostas para se pensar esse espaço de experiências: *Gestando um pai: as experiências psíquicas do pai durante o pré-natal*; *O desejo de ser pai*; *Tornar-se um pai hoje* e *O lugar do pai na construção da subjetividade do bebê*, eventos realizados pelo Círculo. Entendo a importância de se tematizar tal questão tanto para os pais, atores diretos destes encontros com o novo ser humano, quanto para os profissionais de saúde mental que acompanham tantas “contações de histórias” dessas novas continuidades de vida humana. Como seria gestar, desejar, tornar-se algo num lugar tão complexo e repleto de nuances, onde um novo ser humano, em continuidade, se constrói? O que é ser pai? Como pensar sobre o pai enquanto sujeito histórico e afetado pelas ações dessa provisoriedade constituinte da vida humana?

Percorrendo por uma leitura em que a temporalidade se mostra mais eloquente vemos em Phillipe Ariès (1981) no livro *História social da criança e da família*, uma elaboração textual que demonstra novas configurações para o entendimento destes dois conceitos: criança (bebê) e família (ambiente) ao longo de um tempo histórico, sobretudo no Ocidente.

O autor nos apresenta a construção de novas formas de atenção para com a criança, bem como para o lugar que a família vem a ocupar. Da esfera pública à esfera privada, novas modulações, nesse tempo histórico, vão sendo estruturadas onde se percebem outros laços de afetos surgindo. O ideário de família,

desde tempos imemoriais, foi sendo modificado e com isso a própria continuidade do ser humano se viu alterada neste contexto. Do infanticídio tolerado, onde crianças podiam ser mortas por seus pais, como ele mesmo diz “a fazer desaparecer criaturas tão pouco dotadas de um ser suficiente não era confessado, mas tampouco era considerado vergonha” (ARIÈS, 1981, p. 17), acontecimento esse ocorrido até o fim do século XVII e era considerado com certa neutralidade, tanto pela Igreja quanto pelo Estado, aos cuidados em relação ao infante que entendemos hoje, muita coisa mudou no trato com esses atores sociais.

Ele trata ainda sobre as idades da vida no tempo da Idade Média, nos “tratados pseudocientíficos” em que são enumerados períodos diferentes dessa constituição do sujeito em sua existência: “infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade” (*Id., ibid.*, p. 33), base ancestral que de “tão conhecidas, tão repetidas e tão usuais, que passaram do domínio da ciência ao da experiência comum” (p. 34). Ariès comenta sobre outros pontos históricos da identificação do sujeito humano enquanto pertencente a uma família, a uma comunidade a partir de sua ancestralidade:

Na Idade Média, o primeiro nome já fora considerado uma designação muito imprecisa, e foi necessário completá-lo por um sobrenome de família, muitas vezes de um nome de lugar. Agora, tornou-se conveniente, acrescentar uma nova precisão, de caráter numérico, a idade. O nome pertence ao mundo da fantasia, enquanto o sobrenome pertence ao mundo da tradição. A idade, quantidade legalmente mensurável com uma precisão quase de horas, é produto de um outro mundo, o da exatidão e do número. Hoje, nossos hábitos de identidade civil estão ligados ao mesmo tempo a esses três mundos (ARIÈS, 1981, p. 30).

Outros eventos surgiram como proposta para se entender a continuidade humana ao longo de sua existência e assim chegamos ao entendimento de um sujeito psicológico que carrega em si mesmo nuances distintas do campo histórico ou mesmo filosófico, e assim temos a psicanálise, dentre outras escolas da psicologia, que complementam tais pontos para a leitura da permanência dessa continuidade, bem como ela baliza uma nova configuração desse olhar para as humanidades. Mikhail Bakhtin (2012) no livro *O Freudismo* vai problematizar não somente o crescimento da psicanálise ao longo do tempo, mas seu “motivo ideológico” e as premissas que demarcam um novo território para pensarmos acerca do ser humano.

Dos textos originários de Sigmund Freud e Josef Breuer acerca dos mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos e a perspectiva psiquiátrica tentando dar uma noção acerca da psicopatologia das doenças nervosas às novas configurações acerca do psiquismo humano, dividido entre consciente, pré-consciente e inconsciente, bem como sobre a sexualidade e a idade, Bakhtin comenta que sobre essa perspectiva, pela psicanálise, outra composição para o entendimento da pessoa humana e sua trajetória de vida é colocada de modo distinto até então apregoada pelas literaturas vigentes. Segundo Bakhtin (2012):

A psicanálise descobriu muita coisa inesperada também na relação entre sexualidade e idade. A história do desejo sexual do homem começa no momento do seu nascimento, passa por uma longa série de períodos de coloração original no desenvolvimento e não cabe, absolutamente, no esquema da criança ingênua – jovem amadurecido – velho inocente. O enigma das idades do homem, proposto pela esfinge a Édipo, encontrou em Freud uma solução surpreendente e original. (...). Aqui achamos importante apenas observar que ambos os componentes do motivo ideológico central do freudismo – o sexo e a idade – foram renovados e enriquecidos com um novo conteúdo. Por isso o motivo, em si velho, acabou ganhando coloração nova (p. 6).

Pensar sobre esse desenvolvimento psicológico, emocional, no ser humano em continuidade é o intento deste artigo, sobretudo no que tange à paternidade e suas complexidades. Para tal empreendimento, farei uso do objeto literário a partir da perspectiva teórica do desenvolvimento emocional humano do pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott. Muitos outros autores poderiam estar aqui elencados, como Freud, porém gostaria de privilegiar pontos teóricos deste autor que muito me afetam: dentre tantos estudos, em destaque gostaria de explorar a sua ideia sobre a sobrevivência do objeto e uso do mesmo ao longo da jornada em ser e em se fazer humano. Como sobrevivemos enquanto espécie homo a partir de tantas vivências em tempos históricos tão longínquos? A própria paternidade foi se constituindo distintamente ao longo desse tempo e qual legado deixou?

Winnicott tem me ajudado a pensar a existência humana em sua continuidade de ser atravessada por muitos encontros entre o novo ser humano e suas ancestralidades. Fico pensando em como um homem, que não foi pai, mas que carregou em si mesmo uma sensibilidade ética, estética e poética, valoriza as

muitas variações humanas que carregamos desde o primeiro batimento de coração até o último respirar no momento da despedida da vida. Entendo que ele apresenta, em sua textualidade, muito mais do que mil mães e mil pais, pois fala de uma ancestralidade a partir do gesto espontâneo, criativo sobre a gratidão à vida e cada alicerce construído e deixado pelos povos ancestrais como legados para as futuras gerações.

Milton cantarola um pai grande que criou a si mesmo e agora cria seu filho, Chico pede para que o pai afaste o cálice de vinho tinto de sangue, Fábio nos mostra um pai herói e bandido, Djavan apresenta um pai, junto à mãe, como um ouro-de-mina-coração-desejo-(en)sina, Gil nos encanta na comunicação onde um filho pergunta pro pai onde está o avô, o pai pergunta pro avô onde está o bisavô, o avô pergunta pro bisavô onde está o tataravô, e assim cada um levaria o outro aos espíritos de uma ancestralidade masculina, evocados numa sacralidade respeitosa, de admiração e bom convívio, de heranças passadas por gerações, assim, trazemos mil homens conosco.

Homens, alguns, inclusive, em suas construções paternas ou seriam crianças criando pais com diversos matizes em suas potências, em contextos e ensinamentos distintos? Caminhando e cantando e seguindo canções, percebemos que ao longo das humanidades fomos amalhando conquistas acerca deste lugar de trocas afetivas e simbólicas, onde novas configurações entre pais e filhos foram sendo produzidas ao longo do tempo.

Safra (2004) nos mostra a compreensão do ser humano, na naturalidade e originalidade da vida, onde muitos se apresentam, ontologicamente, como indivíduos, e seu pensamento percorre pela questão da própria singularização da vida de nossos ancestrais, bem como, o fato, deles já pressentirem algo sobre aqueles que estariam por vir, quem sabe filhas e filhos das filhas e filhos de um novo tempo. Para ele, o sentido do si mesmo seria um fenômeno ontológico comunitário, como um “evento transgeracional, vindo da história em direção ao futuro. A verdade do si mesmo acontece e se revela somente pelo reflexo do rosto do outro” (p. 43), trazemos muitos em nós.

Em *Todo homem*, três homens entoam uma das músicas mais singelas de gratidão de filhos e pai para com a mãe. Caetano, Moreno e Zeca nos tocam e afetam ao cantar que:

O sol, manhã de flor e sal
E areia no batom
Farol, saudades no varal

Vermelho, azul, marrom
 Eu sou cordão umbilical
 Pra mim nunca 'tá bom
 E o sol queimando o meu jornal
 Minha voz, minha luz, meu som
 Todo homem precisa de uma mãe
 Todo homem precisa de uma mãe
 O céu, espuma de maça
 Barriga, dois irmãos
 O meu cabelo negra lã
 Nariz, e rosto, e mãos
 O mel, a prata, o ouro e a rã
 Cabeça e coração
 E o céu se abre de manhã
 Me abrigo em colo, em chão
 Todo homem precisa de uma mãe

Sou cordão umbilical, barriga, nariz, rosto e mãos, cabeça e coração, composição de órgãos que dão vida ao bebê humano, onde, o mesmo, chega produzindo expectativas dentro de outros seres que também, outrora, já foram bebês e viveram situações dos cuidados iniciais da espécie humana passados de geração em geração desde os primeiros humanoides.

Problematizar a natureza humana foi algo presente na extensa literatura de Winnicott. O autor percorre, dentre outros temas, sobre psicossoma, mente, intelecto, saúde física, saúde psíquica e as doenças da psique, assuntos estudados ao longo de sua experiência tanto na Pediatria quanto na Psicanálise.

Para ele, a psique humana começaria no que nominou elaboração imaginativa de todas as funções corporais (somáticas) específicas da pessoa humana, bem como do acúmulo de memórias, onde a psique “liga o passado já vivenciado, o presente e a expectativa de futuro uns aos outros, dá sentido ao sentimento do eu, e justifica nossa percepção de que dentro daquele corpo existe um indivíduo” (WINNICOTT, 1990, p. 46).

Nós, filhotes humanos, estaríamos imersos num mundo subjetivamente concebido nos capacitando para futuras conquistas, porém para ele, nada seria dado *a priori*, mas sim conquistado a cada etapa da existência. Seríamos regidos por tendências que levam ao desenvolvimento humano, dentre eles, o emocional e teríamos que resolver na grande matemática da vida humana três tarefas que se complementam: “a integração no tempo e no espaço, o alojamento gradual da psique no corpo e o início das relações objetais, ou seja, do contato com a realidade” (DIAS, 2017, p. 80), pensando na perspectiva histórica e em nossa tempo-

ralidade, seríamos uma amostra no tempo da natureza humana, onde nosso processo de amadurecimento emocional dependeria fundamentalmente de dois pontos marcantes: da tendência inata ao desenvolvimento e de um ambiente facilitador, suficientemente bom, para esse desenvolvimento acontecer.

Viríamos com uma necessidade de ser, ser humano, e que para ele, isso que trazemos em nossas memórias enquanto humanos, significa saúde, e teríamos algo inato: a tendência ao desenvolvimento, à integração num eu, ao qual nós nos reconheceríamos e também nos reconheceriam. Para elucidar seu pensamento faz analogia do ser/bebê a uma bolha e as pressões que estimulam reações às sensações advindas da exterioridade, dirá:

Gostaria de postular um estado de ser que é um fato no bebê normal, antes do nascimento e logo depois. Esse estado de ser pertence ao bebê, e não ao observador. A continuidade do ser significa saúde. Se tomarmos como analogia uma bolha, podemos dizer que quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode *seguir existindo*. Se estivéssemos falando de um bebê humano, diríamos 'sendo'. Se, por outro lado, a pressão no exterior da bolha for maior ou menor que aquela em seu interior, a bolha passará a *reagir à intrusão*. Ela se modifica como reação a uma mudança no ambiente, e não a partir de um impulso próprio. Em termos do animal humano, isto significa uma interrupção no ser, substituída pela reação à intrusão. Cesada a intrusão, a reação também desaparece, e pode haver, então, um retorno ao ser. Parece-me que é uma descrição capaz não apenas de nos levar até a vida intrauterina sem um grande esforço de imaginação, mas também de ser levada para a frente, podendo ser aplicada de modo útil como simplificação extrema dos processos muitíssimo mais complexos da vida posterior, em qualquer idade (WINNICOTT, 1990, p. 148).

No início da existência do bebê humano, viveríamos a não-integração, uma solidão essencial, como ele nomina, e dependeríamos de forma absoluta dos cuidadores. Para Winnicott, o estado anterior a essa solidão seria o de não-estar-vivo e que essa experiência daria ao indivíduo a ideia de que existe um estado de não-estar-vivo repleto de paz, onde a pessoa poderia voltar em tempos de regressões extremas, daí adviriam, inclusive, as sensações ligadas à morte.

Ela seria também um estado anterior ao estar vivo, a vida de um ser humano “consiste num intervalo entre dois estados de não-estar-vivo. O primeiro dos dois, a partir do qual emerge o estar-vivo, dá colorido às ideias que as pessoas costumam ter sobre o segundo” (WINNICOTT, 1990, p. 154), entende

que emergimos de uma solidão essencial para o encontro com o outro. No processo do desenvolvimento ou amadurecimento emocional viveríamos paradoxos ao longo da existência entre “a solidão essencial, de um lado, e a comunicação e encontro com o outro e a realidade externa, de outro” (DIAS, 2017, p. 77)

Tais manifestações dariam contorno à existência desse novo ser na jornada vivente, podendo durar segundos ou mesmo anos, e aqui – não tem como não pensarmos – que a morte de bebês também acontece. Tive contato com histórias que lidaram com essa temática e o reflexo disso para a vida de seus pais. Me interessei em explorar sobre a vivência da perda gestacional e neonatal a partir da vivência masculina, do pai e tal experiência me levou para esse lugar dessa solidão essencial ao qual Winnicott elencou, num tempo do não-ser, de não-estar-vivo, onde o ser ainda não existia, ao qual retornaríamos quando de nossa morte, onde começo e fim ou fim e começo seriam perspectivas das nossas confabulações em torno do existir, do viver e do morrer. Pensar sobre a morte em bebês me ajudou a repensar minha própria experiência de vida enquanto ser em continuidade (VIANNA, 2023).

Pegando de empréstimo o pensamento de Santo Agostinho sobre a invenção humana acerca do tempo, ao qual ele o denominou como os “três nadas: o passado, que já não existe; o futuro, que ainda não existe e o presente, que é tão rápido, sendo uma mistura entre passado e futuro” (VIANNA, 2023, p. 23), me volto as transições de Winnicott sobre o não-ser, o ser (em continuidade e cada um vai ter seu tempo/nada) e o retorno ao não-ser, e assim nas continuidades do ser onde recebemos e deixamos legados de culturas humanas imemoriais atravessadas pelas mais variadas expressões de linguagem: falada, escrita, corporificada, sinalizada etc. e assim, até hoje, perpetuamos a vida humana e assim também podemos pensar nesse não-ser e depois ser ou não, pai.

Fulgêncio (2016) comenta que o ideário de solidão essencial seria referido por Winnicott a partir de dois pontos localizados no desenvolvimento do bebê humano: o primeiro deles seria o marco zero, onde nada havia acontecido ainda, não havendo experiências (corporal ou semântica) registradas, tal pensamento nos aponta para a ideia de que seria o início de tudo, o ser ainda não existe, algo de uma ontologia do ser; a segunda referência se daria a partir da experiência do criar e encontrar os objetos necessários a si mesmo, ele sozinho, mas na presença de um outro ser (cuidador), viveria experiências que os moldariam.

Tal estado de solidão se daria devido ao não reconhecimento de si mesmo, pois em sua imaturidade afetiva e cognitiva, o bebê “nada sabe de si e do mun-

do, impossibilitando de reconhecer objetos como externos a si mesmo, dependente do ambiente sem saber que o ambiente existe” (FULGÊNCIO, 2016, p. 48), ao qual denominou de narcisismo primário, bem como de solidão essencial. O bebê, o “criador”, criaria objetos, criaria a si mesmo, bem como o mundo que o circunda.

Seguimos com novas configurações do bebê em nós, que se desenvolve e cria outras condições do existir a cada respiro que nos liga ao viver. Para Winnicott, trazemos essas marcas do bebê independentemente da idade na qual nos encontramos, entende que não somos adultos o tempo inteiro, pois trazemos memórias de vários “EUs” ao longo dessa jornada que nos torna, nos faz humanos. Poderíamos pensar, segundo ele, que somos continuidade de ser a cada sopro de velas que apagamos ao comemorarmos mais um ano de vida.

Como embalado pela música, Eu também sou cordão umbilical e pra mim nunca tá bom, trago inquietudes dentro de mim nesse complexo processo de continuidade de ser. Nessas excitações do “bebê em mim”, quero continuar rabiscando a partir da teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott, sobretudo nos conceitos que traz de Ser e de Fazer. Ser pai – Fazer/Gestar um pai, como seria isso?

Desejo de ser, tornar-se um, um lugar para cuidar, e assim todos levam a perguntar e o pai? O pai que também já foi um bebê, como ele traz essas configurações em seu corpo? Quais memórias de um tempo em que foi cuidado por outros seres e que em suas continuidades deram apoio e sustentação para que uma nova existência possibilitasse tornar-se, fazer-se humano?

No livro *Tudo começa em casa* (2016), Winnicott apresenta no texto *A contribuição da mãe para a sociedade*, escrito nos idos de 1957, sinalizando que os genitores/cuidadores, responsáveis pelo lar que acolherá este novo ser, necessitam entender que cabem a eles os cuidados por essa nova jornada humana nos primeiros tempos de vida e possivelmente, por um bom tempo ainda desta empreitada de acontecimentos e experiências complexas deste ser vivente que chamam filha(o).

Para o autor, tais agentes, não devem esperar gratidões vindouras, mas sim, devem exercer os cuidados numa suficiência tal que sejam capazes de passar para o novo ser, o bebê, a segurança necessária para sua sobrevivência. Nessa troca ancestral de cuidados, ele demarca um lugar de extrema importância destes cuidadores iniciais, que numa devoção ao seu rebento se lançam num novo tempo de vida. Ele os aloca num lugar de reconhecimento pela contribuição que os mesmos forjam na constituição desse ser humano

que nasce e a conta-gotas se torna, ao longo do tempo, o novo sujeito, o novo humano.

Para ele, na saúde, tanto mulheres quanto homens têm um entendimento de reconhecer a contribuição da primeira mamada teórica, das experiências impressas no registro corporal, advindas, na maior parte das vezes, da mulher, aqui se tratando da mulher e mãe que transmitirá uma herança do grupo humano para o novo ser, este reconhecimento diminuiria os medos em relação às dependências que constituem a humanidade desde seus primeiros registros históricos. Segundo seu entendimento, no desenvolvimento emocional, o bebê humano, um dia, e sem saber disso, viveu uma dependência absoluta de sua cuidadora ou de seu cuidador. Dirá Winnicott:

Eu enfatizaria, uma vez mais, que o resultado de tal reconhecimento – quando ele aparece – não vai ser gratidão, nem elogios. O resultado vai ser diminuição em nós mesmos de um medo. Se nossa sociedade retardar o reconhecimento pleno dessa dependência, que é um fato histórico no estágio inicial do desenvolvimento de cada indivíduo, haverá um bloqueio tanto no progresso quanto na regressão, um bloqueio que se baseia num medo. Se o papel da mãe não for verdadeiramente reconhecido, então permanecerá um medo vago da dependência. Às vezes, esse medo toma a forma de um medo de MULHER, ou medo de uma mulher, e outras vezes vai assumir formas menos fáceis de reconhecer, mas que sempre incluem o medo de dominação (1957/2016, p. 119).

Caberia aqui pensar que Winnicott, sem conhecer Zeca Veloso que nasceria muitos anos depois e num outro país, já antevia que *Todo humano precisa de uma mãe?* De alguém que faça o *holding* e o *handling* para que o novo ser humano se desenvolva e cresça em beleza, estatura e sabedoria? Precisamos de outro ser, pois dependemos de suas habilidades de cuidados num tempo em que ainda não temos ciência de nossa existência. A suficiência destes cuidados garante uma saúde para a continuidade do ser.

Mas do que seria esse medo de dominação que ele trata? Na ideia de perfeição precisamos ou desejamos nos afastar dos afetos iniciais e assim tomamos esse lugar do mais humano em nós, como cantaria Maria Bethânia em *Tá combinado?*

Winnicott (1994) fala do medo do colapso que nos acompanha desde pequenos, desde o partir do ventre materno para o mundo de outros encanta-

mentos e batalhas, o bebê humano vive medos, inclusive, o medo da morte. Viveríamos o medo do colapso, “o impensável estado de coisas subjacente à organização defensiva” (p. 71), onde uma variedade de sensações se forma, no que nominou das agonias primitivas, seria como uma morte anterior já experienciada no parto, que nos faria companhia a partir de outros tantos medos, agonias e ansiedades até o último respirar. Gosto de sua ideia de que tudo na vida é conquista, que nada é dado, tudo pode ou não ser conquistado, inclusive: o amor. Amor de pai e mãe, de pai e pai, de mãe e mãe, de pai solo, de mãe solo, de um cuidador, pois já fomos, todos nós, um bebê. Seguindo nesse mesmo pensamento, podemos explorar também o amor de pai e filha(o) e de filha(o) e pai como conquistas a serem realizadas ou não na grande equação das relações humanas.

Teríamos, portanto, resquícios deste estágio inicial e determinados comportamentos poderiam ser apaziguados caso entendêssemos o quanto somos e fazemos a partir daquilo que a suficiência ou a insuficiência do ambiente nos foi apresentada no tempo inicial de vida. Garantindo que nem todas as “insuficiências” do viver advêm somente deste tempo inaugural, pois na continuidade do ser, passamos por momentos distintos de experiências e a elas somos moldados a cada piscar de olhos até nosso ápice derradeiro na morte.

Em outro texto, escrito em 1964 e publicado no mesmo livro, tendo por título *Este feminismo*, Winnicott elenca outras questões ligadas a esses momentos originários do humano. Discorre sobre as diferenças entre homens e mulheres, mas suscita uma questão bem complexa, para o autor, trazemos marcas, memórias corporais de acontecimentos que nos caracterizam em nossas humanidades, ele entende que cada homem traz em si mesmo um componente feminino e que cada mulher também traria um componente masculino. Para Winnicott, o elemento feminino puro seria o Ser e o elemento masculino puro o Fazer onde ambos dariam ação a essa humanidade em busca de descobertas, de novos mundos e espaços a ocupar, seja pelas artes, pelas religiões ou outras ações da cultura.

Ser e Fazer estariam moldando o espaço vital na saúde deste novo ser humano, tal questão seria inerente ao desenvolvimento do indivíduo, que em sua continuidade iria do início da vida até o derradeiro momento do último respirar, da morte, se possível, na velhice. Entende que a tendência ao desenvolvimento humano é contínua, um tempo que não para. Portanto, somos e nos fazemos humanos a cada passado, presente e futuro do tempo nada que percorremos na cadência da vida.

Viveríamos neste estágio inicial de vida, identificações cruzadas, ou seja, o sinal de saúde na mente do bebê, onde tal experiência seria apresentada a partir de habilidades conquistadas ao longo do seu desenvolvimento emocional, onde as mesmas aconteceriam por meio imaginativo, nos pensamentos, nos sentimentos, nos medos e nas esperanças de outra pessoa, bem como nesse caleidoscópio de emoções intersubjetivas, a manifestação se faria acontecer, da mesma experiência cruzada, com os outros aos quais esse ser em continuidade se relacionaria, tais identificações possibilitariam a confirmação do humano em nós, marcas dessa comunicação de pares, entre seres humanos com outros que propagarão a continuidade da espécie. Uma construção ininterrupta de geração a geração, onde cada humano imprimiria marcas neste novo corpo e as deixaria para as próximas descendências, o ambiente facilitador também participaria dessa relação com a continuidade do ser. Nessas identificações cruzadas como Ser e Fazer-se pai, como seria essa ação? O que trazemos dos mil homens e das mil mulheres que nos antecederam?

Neste mesmo texto Winnicott comenta sobre determinadas sociedades em que o homem vivenciaria o que denominavam como couvade, ou seja, o mesmo passaria, simbolicamente, pelo parto de sua mulher e, após o nascimento do bebê, se recolheria como se estivesse, ele próprio, também de resguardo. Como seria para esse ser vivenciar essa experiência? Como nos tornamos humanos cuidadores? O que acontece para vivermos gestando, desejando e nos tornando pais? Tal lugar é ocupado de forma presente por todos os seres que se apresentam como pai? Tal posição, função ou qualquer outro termo que qualifiquemos tal sujeito é repetido de um filho para outros que venham a nascer? Tais marcas sobrevivem ininterruptamente, de um mesmo modo de um filho para o outro? Os afetos permanecem o mesmo ou mudam a partir das configurações que vão acontecendo nessa transitoriedade da vida?

Nesse brincar de viver com a música e a teoria, chego a outro texto deste autor: *A criatividade e suas origens*, que encontramos no livro *O brincar e a realidade*, de 1971, onde Winnicott apresenta outros pontos acerca dos elementos femininos puros e dos elementos masculinos puros em seu contexto das Relações de Objeto.

Segundo esse autor, nesse relacionar-se com o objeto seio/mãe, o bebê (menina ou menino), vai se desenvolvendo emocionalmente, conquistando a si mesmo no conta-gotas de mamadas, afagos, choros, sonos e sonhos, colos e chão, pois entende que todo ser necessita de outro ser, um ser cuidador. Ele, Winnicott, diria que um bebê não existe sem o outro, aquele que cuidará, sus-

tentará, dará suporte e o amparará na sua continuidade de ser humano.

Winnicott vai externar sobre essa ideia que diz que o elemento masculino puro transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo, ambos apoiados nas pulsões, as mesmas sempre de vida, onde busca na relação com seio, o amamentar, e, subsequentemente, a relação com todas as experiências que envolvem as principais zonas erógenas, bem como aos impulsos e as satisfações subsidiárias, algo ligado ao que nominou como o Fazer. E o elemento feminino puro relaciona-se com o seio (ou com a mãe) no sentido de o bebê tornar-se o seio (ou a mãe), no sentido de que o objeto é o sujeito, algo como o Ser.

Pontos complexos que ainda me trazem muitas inquietações e para as quais busco respostas. Comentará sobre as experiências deste novo mundo mental que o bebê vai explorar em seu desenvolvimento pessoal. Dirá ele sobre as relações com o objeto que irão transicionar cada vez mais em sua experiência humana:

O termo objeto subjetivo foi utilizado para descrever o primeiro objeto, o objeto ainda não repudiado como um fenômeno não-eu. Aqui, nesse relacionamento do elemento feminino puro com o seio, encontra-se uma aplicação prática da ideia de objeto subjetivo, e a experiência a esse respeito abre caminho para o sujeito objetivo, isto é, a ideia de um eu (*self*) e a sensação de real que se origina do sentimento de possuir uma identidade.

Por complexa que se torne a psicologia do sentimento do eu (*self*) e do estabelecimento de uma identidade, à medida que o bebê cresce, nenhum sentimento do eu (*self*) surge, exceto na base desse relacionamento no sentimento de SER. Este último é algo que precede a ideia de estar-em-união-com, porque ainda não houve nada mais, exceto identidade. Duas pessoas separadas podem sentir-se, o bebê e o objeto são um. O termo identificação primária talvez tenha sido usado para designar exatamente isso que descrevo, além de tentar demonstrar quão vitalmente importante é essa primeira experiência para o início de todas as experiências subsequentes de identificação.

Tanto a identificação projetiva quanto a introjetiva originam-se dessa área em que cada um é o mesmo que o outro.

No crescimento do bebê humano, à medida que o ego começa a organizar-se, isso que chamo de relação de objeto do elemento feminino puro estabelece o que é talvez a mais simples de todas as experiências, a experiência de ser. Existe aqui uma verdadeira continuidade de gerações, sendo aquilo que é passado de uma

geração a outra, por via do elemento feminino de homens e mulheres e de bebês masculinos e femininos. Penso que isso já foi dito antes, mas sempre em termos de mulheres e meninas, o que pode estabelecer uma certa confusão. Referimo-nos a elementos femininos tanto em homens quanto em mulheres (WINNICOTT, 1971, p. 114).

Assim vamos nos identificando no mais humano em nós, ou seja, na relação com o outro e como isso se estabelece a partir das experiências pessoais de cada habitante desta casa maior, a Terra. Necessitamos um do outro para que possamos Ser e Fazer na vida. Seria a experiência anaclítica mais forte e poderosa de todas as que vivenciamos na vida. Winnicott, que clamou estar vivo na própria morte, também tomou do escritor T. S. Eliot sobre chegar ao fim como se fosse o começo, pois eles entendem que “O que chamamos de começo geralmente é o fim. Chegar ao fim é chegar ao começo. É do fim que iniciamos” (PHILLIPS, 2006, p. 43), assim findamos a ocupação intraútero e somos lançados a outro universo de experiências. Nessas novas nuances o bebê se apresentado ao objeto, viveria outras formas relacionais com o mesmo e poderia fazer uso dele – etapas complexas nessa continuidade de ser. Dirá Winnicott:

Em contraste, a relação de objeto do elemento masculino com o objeto pressupõe uma separação. Assim que se acha disponível a organização do EGO, o bebê concede ao objeto a qualidade de ser não-eu, ou separado, e experimenta satisfações do ID que incluem a raiva, relativa a frustração. A satisfação das pulsões acentua a separação do objeto quanto ao bebê e conduz a objetivação do objeto. Daí por diante, tratando-se do elemento masculino, a identificação necessita basear-se em mecanismos mentais complexos, aos quais se tem de conceder tempo para surgirem, se desenvolverem e se estabelecerem como parte da aparelhagem do novo bebê. Tratando-se do elemento feminino, contudo, a identidade primária pode constituir uma característica desde muito cedo, e o alicerce para o simples ser pode ser lançado (digamos assim) a partir da data de nascimento, ou antes, ou pouco depois, ou de onde quer que a mente se tenha libertado dos empecilhos a seu funcionamento, devidos à imaturidade e a danos cerebrais associados ao processo do nascimento.

A psicanálise talvez tenha concedido atenção especial a esse elemento masculino ou ao aspecto impulsivo da relação de objeto, negligenciando, contudo, a identidade sujeito-objeto para a qual chamo atenção aqui, identidade que se encontra na base da capacidade de ser. o elemento masculino *faz*, ao passo que o ele-

mento feminino puro (em homens e mulheres) é (WINNICOTT, 1971, p. 115).

Winnicott, de novo, questiona o lugar do ser mais humano em nós, onde o primeiro apoio se daria de alguém que se atenta às necessidades do novo ser humano, justamente por que também já vivenciou tais experiências, também foi um bebê. O ser em continuidade, ontologicamente, vai tecendo sua história de vida a partir daquilo que se originou e aquilo que se conquistou em seu campo criativo.

Ao discorrer sobre as diferenças entre esses cuidadores originários, Winnicott comentará algo bem reflexivo que aponta questões das ancestralidades que chegam até nós. Dirá ele:

MULHER é a mãe não reconhecida dos primeiros estágios de vida de todo homem e de toda mulher.

Seguindo essa ideia, podemos encontrar um novo modo de especificar a diferença entre os sexos. As mulheres o possuem quando se relacionam com a MULHER, através de uma identificação com ela. Para toda mulher, há sempre três mulheres: 1) o bebê menina, 2) a mãe, 3) a mãe da mãe.

As três gerações de mulher aparecem constantemente em mitos, ou então aparecem três mães em três funções separadas. Não importa se tenha bebês ou não, uma mulher está presente nessa série infinita, ela é bebê, mãe e avó; ela é mãe, bebê menina e bebê do bebê. (...), ela já começou sendo três, enquanto o homem começa com um impulso tremendo para ser um só. Um é um e completamente só, e o será cada vez mais.

O homem não pode fazer o que a mulher faz, esse fundir-se na linhagem, sem violar a essência de sua natureza. (...)

Mas o fato incômodo permanece, para homens e mulheres: uns e outras em alguma época dependeram de uma mulher, e de alguma forma o ódio dessa situação teve que ser transformado numa espécie de gratidão – no caso de a pessoa alcançar sua maturidade plena (WINNICOTT, 2011, p. 193).

Somos seres relacionais, portanto, dependentes uns dos outros em maior ou menor grau, cabendo a nós avaliar como lidamos com tais fatos ligados a essas dependências. Winnicott entende que as mulheres, devido ao fato de suas identificações com as mulheres deste passado, presente e futuro que tra-

zem nas próprias ancestralidades oriundas de outras humanidades, enfrentam um novo “risco”: o do parto e, assim ao trazer um novo ser a habitar esse espaço transicional repetem outras ações humanas de gerações passadas, onde este novo ser terá um tempo de vida e de morte singular e indelével, “portanto, as mulheres também assumem riscos, e sempre o farão. (...) quando um homem morre, ele está morto, enquanto que as mulheres sempre foram e sempre serão” (WINNICOTT, 2011, p. 194) Eita, Zeca! Acertou em cheio: olha o que comenta Winnicott, os homens quando morrem, estão mortos, são como a “grama” e, invejosos deste estar mãe, se sentem “culpados por causar a gravidez” e assim participam “sentados, bonitinhos, olhando a mulher passar por aquilo tudo, não somente o parto, mas todo o confinamento e as responsabilidades terrivelmente restritivas dos cuidados para com a criança” (Id., *ibid.*). As mulheres já nascem sendo três: a menina bebê, a mãe e a mãe da mãe, os homens lutam para ser um, e dessa solidão essencial inicial até o fazer/tornar/gestar um pai muita habilidade a ser conquistada surgirá em sua peleja em ser em continuidade existencial.

Aqui quero recorrer também à literatura e pegar de empréstimo as linhas do livro *O filho de mil homens* (2024), do escritor angolano/português Valter Hugo Mãe (Valter Hugo Lemos), na ajuda de criação/gestação deste ser e fazer-se pai, em solidão e solitude. Interessante poder pensar no pseudônimo a que o autor recorreu – Mãe. Ele destaca sua admiração pela delicadeza feminina, que entende como essencial para vivermos; considera também as “mães as criaturas mais obstinadas, os seres humanos que estão mais longe na experiência da vida”. Assim, Mãe nos apresenta o pai: Crisóstomo.

Num tempo e num espaço, a história de Crisóstomo, um homem em busca de um filho, poderia ser também uma filha, e o que fica mais evidente em sua procura no gestar, no desejar por tornar-se alguém, era algo que lhe faltava, mas que entendia estar pronto desde o início do seu existir: o lugar do pai que nele habitava. A essa história, a de Crisóstomo, quero recorrer para conversar com tantas outras histórias que já ouvi e ouço de homens que são pais e filhos de outros pais e filhos também. Todos, de fato, gestaram, desejaram, tornaram-se e ocuparam o lugar da paternidade? Isso é simples assim?

Crisóstomo, era um pescador que se sentia pela metade e no topo dos seus quarenta anos tinha uma tristeza profunda por não ter filhos. Num dia, ao sair para a feira, compra um boneco de pano que o projeta para outros afetos; ele começa a sentir que o mesmo tomará um lugar que preenchia aquilo que lhe

faltava. Acariciava-o e fantasiava longas conversas, começando sempre “sabes, meu filho”, pois ao pronunciar tal fala sentia que “criará alguém”. Suas elucubrações, chegavam no trato com a natureza de uma forma muito peculiar e autoral; a ele dizia, tal qual um doidivanas, que o tinha como uma pessoa de verdade, pois ele lhe fazia de companhia e proporcionava a esperança de apaziguar suas dores e tristezas de outrora. Nos seus devaneios mais pueris, Crisóstomo pensava em filhos que se perdiam, em crianças sozinhas que esperavam o momento para se tornarem filhas e filhos de alguém, que um dia iriam se reencontrar, e assim, num dado momento, sai dizendo a todos do lugarejo onde vivia que gostaria de encontrar alguém para cuidar.

Para ele, ambos se tornariam inteiros quando do encontro um com o outro, dentre suas inquietações pairavam perguntas tais como “que pai seria, assim a perder-se de uma criança tanto tempo. Que pai seria se chegasse tarde de mais. Cada segundo a menos no tempo de um filho era para um pai uma trágica perda, e nada haveria de o compensar” (MÃE, 2024, p. 18) entendia que a inteireza de um pai estaria no encontro com o filho e vice-versa.

Eis que surge Camilo, jovem órfão de quatorze anos, também em busca de cuidados, que escuta o pedido de Crisóstomo se ele poderia ser seu pai. Ao longo do tempo os habitantes do lugarejo os veriam como pai e filho, ambos “inteiros” em seus lugares de afetos. Crisóstomo acreditava que “desistir de um filho seria como desistir do melhor de nós próprios. Cada filho somos nós no melhor que temos para dar. No melhor que temos para ser” (*Id., ibid.*, p. 200).

Não sei se Mãe leu Winnicott e seu pensamento acerca desse reconhecimento materno, mas tal afirmação parece aproximá-los deste entendimento de reconhecimento às ancestralidades que carregamos ao longo dos tempos. Ao deparar com tal relato da história de Crisóstomo, fico admirado com tal proximidade textual, sobretudo, neste trecho da história do filho/pai em que, entre pensamentos e sonhos, nos toca ao refletir sobre:

o corpo dos homens estava condenado a uma tristeza maior, como se fosse o corpo fraco da humanidade, o corpo menor. O corpo triste. Pensava que a pele deveria ser mais terra, e sonhava com fazer nascer árvores no peito e flores pelos braços e ter rios a correr sob as pernas e entornar nas coxas giestas fartas e um milheiral inteiro. Sonhava que atirava sementes de girassol sobre si e que se pacientava durante uma estação até ver como todo ele procurava o sol, florescendo como um lugar onde a vida se vinha fazer nascer. Sonhava que haviam de ser perfeitas as mulheres por serem escolhidas para a maternidade, a cons-

truírem pessoas dentro de si. As mulheres construíam as pessoas meticulosamente, sem sequer olharem ou se preocuparem demasiado com isso. Construíam-lhes cada osso, cada veia e cada fio de cabelo. E depois abanavam-se e provocavam o embalo das águas interiores que suavemente desenhavam os dedos das pessoas a construir. O Crisóstomo pensava que as mulheres assinavam cada filho. Assinavam na pele de cada filho, nunca repetindo entre elas os códigos com que para sempre distinguiam, uma a uma, as pessoas que construíam. O Crisóstomo pensava que a construção acontecia como no mar profundo e que as mulheres eram profundas e os filhos seres de água. Ele sonhava que sob o barco vogavam na água escura da noite milhões de filhos enroscados sobre si mesmos à espera do milagre do chamamento das mulheres. Sonhava que os peixes passavam pelos filhos e os adoravam como deuses, não entendendo que eram apenas gente. Os peixes, como os pais, nunca entenderiam que os filhos eram apenas gente. Pescar deuses, pensava. O Crisóstomo sonhava que deitava a rede e que ao subi-la poderia trazer um filho para dentro da sua barriga. Como se um deus ali aparecesse por eterna generosidade. Imaginava que teria de fazer a rede afundar muito, passar bem para longe das primeiras camadas do mar para chegar depois ao recôndito secreto onde vogavam. E afundava mais e mais as redes, pesando-as com chumbos e dando-lhes corda e mais corda, até que lhe parecesse abraçarem o impossível. Que bom seria se uma rede lançasse ao menos um, apenas um desses nascituros deuses (MÂE, 2024, p. 201).

Como não pensar neste lugar de memórias e de um reconhecimento por alguém ter cuidado de nós num momento de dependência total de outro ser humano. Na longa jornada dos humanoides na face da Terra, segundo Winnicott, vivemos um primeiro momento de dependência absoluta, passamos para uma dependência relativa e seguimos rumo a certa independência (relativa) do viver. Trazer o divino da “barriga” ou das “redes” desse mar inaugural sonhado para os braços que enlevam e que embalam o novo ser no bebê seria outra expressão de afeto que poderia ou não ocorrer nessa comunicação humana entre pais e filhos, nada é dado, tudo é conquistado na criação das relações e vivências humanas.

Poderíamos pensar então que carregamos desde os tempos imemoriais e fomos aperfeiçoando ao longo do tempo, dentro dos tantos grupos de humanoides, certa memória do cuidado? E o pai que temos hoje se configura de um modo peculiar e distinto, neste tempo nada, agostinianamente falando, modi-

ficado a partir de outras experiências paternas deixadas como legado por outros seres humanos, por outros mil homens/pais que já percorreram itinerários nessa grande viagem do não-ser, ser e voltar ao não-ser?

Para Winnicott (1994), nas experiências na transitoriedade da vida, ao fazer uso do objeto, o bebê humano vai se configurando como ser humano em continuidade. Seu pensamento transita pelo caminho de que vamos seguindo uma sequência de acontecimentos na continuidade do ser em que no início somos apresentados ao objeto inaugural, o seio/a mãe, nos relacionamos com o mesmo, ao qual se acha num processo de ser encontrado e criado no mundo subjetivo do bebê; seguindo a isso, o bebê, em sua motilidade, destruiria esse objeto, o mesmo sobreviveria a esse fazer do bebê e assim poderia ser usado de forma sadia nessa comunicação intersubjetiva que se passa na amamentação. Primeiras trocas afetivas dentre tantas outras que encontrará o filhote humano no percurso da vida e como ele, a partir disso, vai criar condições de relacionamento consigo mesmo, com o outro humano e com o mundo em si. Habitar um mundo interno (psicossoma), bem como um mundo externo (ambiente) traz suas complexidades; viver não é fácil em nenhum momento de nossa existência, cada etapa de vida traz questões peculiares que devemos equacionar com a maturidade específica a cada tempo do desenvolvimento humano.

Chegamos finalmente a outro texto em que minhas inquietações umbilicais foram afetadas. E de onde vem o tema proposto pelo grupo que estuda os primórdios do desenvolvimento psíquico do bebê humano: o pai.

Num outro texto ao qual enreda acerca do tema da família, Winnicott comenta sobre este personagem: *E o pai?*, que se encontra no livro *A criança e o seu mundo*, escrito entre 1957 e 1965, período de reconstrução do pós-guerra. Ele começa falando sobre as perguntas de mães sobre a questão do pai. Para ele, em “tempos normais”, depende da atitude que a mãe tome, o pai pode ou não conhecer o seu bebê. O que seria este conhecer?

Pensando neste período, pós-guerra, este pai estaria raramente em casa para ver os avanços do bebê, porém mesmo ele estando em casa, comenta como a mãe poderia ter dificuldades com a sua presença, como saber abrir espaço para o marido ou quando desejar que ele saia do caminho, algo curioso e irônico de sua parte surge nessa forma de comentar o agir de ambos os atores dessa cena doméstica. Dirá ainda que alguns pais seriam tímidos a respeito de seus bebês no princípio, e que para alguns essa timidez nunca se “dissiparia” (WINNICOTT, 1971, p. 127). Estaria ele falando de pais que não demonstram o afeto, não podem abraçar, beijar e falar o quanto amam seus filhos? Homens

que não conseguiriam apresentar afetos e reconhecimento aos ancestrais que deixaram um legado da humanidade ao longo do tempo?

Mas Winnicott, no mesmo texto, vai tecer outros comentários, ao observar em alguns homens uma certa crença de que se mostram melhores “mães” do que suas esposas e, nesse caso, poderiam se tornar, de fato, pessoas incômodas, quando seriam “pães” imensamente “pacientes durante meia hora” e depois, e com o mesmo desembaraço, sumiriam em seus afazeres. Como seria lidar com isto? Homens podem ocupar este espaço? Disputas de espaços? Como seria entre casais de homens homoafetivos que encaram ambos a paternidade? De novo voltamos para a complexidade sobre o fazer, o gestar, o tornar-se um pai.

Para Winnicott, o bebê primeiro conhece o objeto seio/mamadeira ou a mãe, como comentado anteriormente. Isso acontece, consideravelmente, na maior parte das vezes nas culturas humanas e as qualidades maternas são reconhecidas (macieza, ternura), também pode apresentar rispidez, severidade, rigor, e considera a pontualidade nas mamadas como algo significativamente apreciado pelo filhote humano.

Comenta que certas qualidades maternas, não presentes em sua essência maternal, “reúnem-se gradualmente na mente infantil; e essas qualidades atraem sobre si próprias os sentimentos que o bebê, com o tempo, acaba por dispor-se a alimentar em relação ao pai” (*Id., ibid.*, 128). Interessante ele poder fazer este destaque do pai também como um alimento a ser servido a essa nova criatura. E mais ainda, ele vai dizer que quando o pai entra na vida da criança, como pai, ele assume sentimentos que o bebê já alimentava devido a certas “propriedades” da mãe que passam na relação afetuosa. Dirá Winnicott:

O pai É valioso. O pai está em casa para compor com a mãe a sentir-se bem em seu corpo e feliz em seu espírito. Uma criança é realmente sensível às relações entre seus pais e se tudo correr bem entre as paredes do lar, por assim dizer, a criança é a primeira a mostrar seu apreço por encontrar a vida mais fácil, mostrando-se mais contente e mais dócil de conduzir. Suponho ser isso o que uma criança entenderia por segurança social (WINNICOTT, 1971, p. 129).

Ele dirá também que dessa união sexual – e aqui é importante termos o tempo histórico desse autor, como aliado para entender sua escrita – onde versa sobre pai e mãe, mas podemos hoje ampliar e estender isso às uniões homoafeti-

vas, não irei adentrar a fundo neste campo complexo das homoparentalidades, mas entendo que pais homoafetivos também podem fazer a função materna primária que Winnicott elenca em toda a sua obra, tendo em vista algo da necessidade humana do ser cuidado, pois independentemente se somos pai ou mãe, todos, nesta condição parental, num tempo já vivido, trazemos marcas do bebê que fomos e trazemos sinais dessas experiências em nossos corpos.

Algo estaria marcado em nosso corpo pensante, sobrevivendo desde os tempos remotos para darmos continuidade à espécie humana. Esses cuidados desde tempos remotos, nos encontros de um cotidiano experiencial, puderam ajudar a criança nessa construção de si mesma, sendo na sua fantasia, a rocha a qual ela, criança, poderá se agarrar e contra a qual vai usar e desferir seus golpes destrutivos, fornecendo a ela parte dos alicerces naturais para a solução do seu possível problema pessoal das relações triangulares.

Outro ponto que marcaria a continuidade deste ser seria o pai, necessário para dar à mãe apoio moral, o esteio para autoridade, dando continente como outro ser humano que sustenta a lei e a ordem que a mãe implantara na vida da criança. Para Winnicott, o pai tem de aparecer com frequência suficientemente reconhecida para que a criança sinta que o pai é um ser vivo e real, “é muito mais fácil para as crianças estarem aptas a contarem com dois pais; um dos pais pode ser encarado como a permanência do amor, enquanto o outro é detestado, e isto constitui, em si, uma influência estabilizadora” (WINNICOTT, 1971, p. 129).

Como pensar num homem que não foi pai, que não passou pela experiência das noites mal dormidas entre febres, dentes nascendo, doenças e coisas afins, que não foi a reuniões escolares anos a fio e saber das boas ou más notícias do rendimento que filhas(os) realizaram, como entender essa sensibilidade exacerbada? Será que é porque Winnicott reconhecia as ancestralidades e que nisso trazia na sobrevivência do objeto o ideário de que nós filhotes humanos necessitamos de alguém neste apoio inicial? Que alguém cuidou de nós e que desse legado trazemos até hoje nas relações de pais e filhos?

Após passar por todos estes textos que tanto me mobilizaram acho eu, não tenho certeza nem na minha dependência absoluta, muito menos na dependência relativa, daquilo que ele, Winnicott, quis dizer com “quanto mais olhamos, mais enxergamos” (WINNICOTT, 2011, p. 195), como o bebê que veio ao mundo criativamente, criou o mundo e assim tudo fez sentido para ele, necessito dar sentido ao gestar o psicólogo, o professor, o marido, o amigo, o filho, o neto, o pai, chego ao entendimento de que os que me antecederam me

deram o suporte suficiente e necessário para a minha caminhada acontecer, sou marca dessas tantas vidas que vieram antes de mim.

Na minha continuidade de Ser e Fazer humano e pai, onde na minha voz, na minha luz e no meu som, entre o sol, as manhãs em flor e sal, e o meu cordão umbilical, nariz, rosto e mãos, com cabeça e coração, barriga, em colo e em chão, que me abrigam no meu Ser e Fazer o mais humano em mim, entendendo também que “quem tem menos medo de sofrer, tem maiores possibilidades de ser feliz” (MÃE, 2024, p. 24), eu também precisei de alguém que cuidou de mim e movido pela esperança da continuidade do ser, carrego mil pais e mil mães e quem sabe também serei pai de mil pais e mil mães. Gratidão!

José Henrique Lobato Vianna
josehenrique.lobato@usu.edu.br

Referências

ARIËS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A., 1981.

BABÁ Alapalá. Intérprete: Gilberto Gil. Produção: Roberto Sant’Anna. In: Refavela. Warner Music, 1977, LP, CD (37:44).

BAKHTIN, M. *O Freudismo: um esboço crítico*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CÁLICE. Intérprete: Chico Buarque. Produção: Sérgio de Carvalho. Polygram/Philips Records, 1978, Vinil, LP, (30:52).

DIAS, E. O. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. 4. ed. São Paulo: DWW editorial, 2017.

FULGÊNCIO, L. *Por que Winnicott?* Coordenação: Kupermann, D. & Zago, A. São Paulo: Zagodoni, 2016.

MÃE, V. H. *O filho de mil homens*. 3. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2024.

PAI. Intérprete: Fábio Jr. Produção: Guto Graça Melo. Som Livre, 1978, Vinil, LP, (32:21).

PAI grande. Intérprete: Milton Nascimento. Produção: Milton Miranda. EMI Odeon, 1969, Vinil, LP, (28:03).

PHILLIPS, A. *Winnicott*. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2006.

SAFRA, G. *A pó-ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

SINA. Intérprete: Djavan. Produção: Ronnie Foster. In: Luz. Sony Music, 1982, Vinil, LP, (41:38).

TÁ COMBINADO. Intérprete: Maria Bethânia. Produção: Nancy Ypsilantis. In: Maria. BMG-Ariola, 1988, LP, (33:32).

TODO homem. Intérpretes: Caetano Veloso, Moreno Veloso e Zeca Veloso. In: Oferatório. Universal Music Group, 2018, CD, (81:93).

VIANNA, J. H. L. *Um pedaço da vida: luto gestacional e neonatal na paternidade*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Maternidade Escola, 2023.

WINNICOTT, D. W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

_____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *Explorações psicanalíticas*: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

_____. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1971.